

Breve análise discursiva em três dicionários de fraseologia

Brief discursive analysis in three dictionaries of phraseology

Gislaine Rodrigues MATIAS*

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

– PPG –EL - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (UNESP/BRASIL)

Maria Cristina Parreira da SILVA*

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

– SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (UNESP/BRASIL)

RESUMO

No contexto atual da Metalexicografia, vários tipos de estudos vêm sendo realizados a fim de conhecer melhor a organização dos dicionários existentes e, desse modo, de constituir um conhecimento de base que apoiaria a elaboração de novas obras. No que concerne especificamente os dicionários de Fraseologia, embora já existam muitos pesquisadores que se dedicam a esse domínio, ainda há muito para se estudar, em vista de otimizar e aumentar sua produção, tanto de obras monolíngues quanto bilíngues. O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise discursiva concisa de três dicionários fraseológicos considerando o aspecto pedagógico.

*Sobre as autoras ver página 180.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Dicionário. Fraseologia. Língua Portuguesa. Metalexigrafia.

ABSTRACT

In the current context of Metalexigraphy several types of studies have been conducted in order to better understand the organization of existing dictionaries and, thus, constitute a knowledge base that would support the development of new works. Regarding specifically the dictionaries of Phraseology, although there are many researchers who engage in this domain, there is still much to study in order to optimize and boost production as much monolingual as bilingual works. The aim of this paper is to present a brief discursive analysis of three phraseological dictionaries considering the pedagogical aspect.

KEYWORDS: *Discourse Analysis. Dictionary. Phraseology. Portuguese Language. Metalexigraphy.*

1 Contextualização do estudo

Neste trabalho propomo-nos a analisar o prefácio e uma pequena amostragem de verbetes de três dicionários fraseológicos da Língua Portuguesa. Esses dicionários categorizam-se entre os dicionários especiais, em contraposição aos dicionários gerais e aos de especialidade. É importante que se faça aqui a distinção entre esses três tipos de dicionários. Para Boutin-Quesnel *et al* (1985, p. 29) o dicionário geral é o “repertório de unidades lexicais que contém informações de natureza semântica, referencial, gramatical ou fonética”, enquanto o dicionário especial é definido como “dicionário de língua que descreve unidades lexicais selecionadas por algumas de suas características”, como é o caso dos dicionários de sinônimos, de gírias e de fraseologismos, por exemplo. Já o dicionário de especialidade ou especializado, segundo Boutin-Quesnel *et al* (1985), tem um papel relevante no processo de ensino/aprendizagem das metalinguagens técnico-científicas e nas linguagens especializadas. Nesse sentido, percebemos que esses autores consideram que os dicionários especiais e de especialidade são

subdivisões do dicionário padrão. Apoiamo-nos então nesses preceitos, considerando que os dicionários especiais apresentam especificidades da língua, como é o caso de nosso objeto de estudo.

Trataremos, portanto, dos fraseologismos da língua portuguesa. Nosso foco seria, *a priori*, apenas as expressões idiomáticas (EIs) enquanto unidades fraseológicas da língua, entretanto, devido à falta de distinção recorrente nos dicionários especiais entre os tipos de fraseologismo, tais como gírias, provérbios, clichês, frases feitas entre outros, achamos mais coerente com esta proposta analisar uma amostra de verbetes considerando todos os fraseologismos incluídos como entradas nos três dicionários que serão analisados. Neste caso, concordamos com Xatara (1998) e Ortíz Alvarez (2000) quando tratam do problema metodológico recorrente nos dicionários de fraseologia: a mistura de conceitos na distinção de cada unidade fraseológica.

Contudo, acreditamos ser necessária uma breve delimitação das EIs, nosso principal objeto de estudo, sob a perspectiva das duas linguistas. Para Xatara (1998, p. 9), “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Ortíz Alvarez (2000, p. 124) complementa afirmando que as EIs “Formam estruturas sintagmáticas complexas que resultam numa unidade lexical que se refere a uma realidade específica com um sentido particular.”, e finaliza alegando que “O significado delas resultante independe do significado dos lexemas que a compõem isoladamente”. Podemos perceber, então, que é possível distinguir as EIs de outros fraseologismos e organizar a nomenclatura de um dicionário fraseológico para contemplar um ou outro tipo de fraseologismo. Aqueles que não são EIs podem: ser uma lexia simples ou composta; ser denotativos; sofrer variações e alterações em seu uso; ter sentido com ampla aplicação e ser a soma dos sentidos isolados.

Neste estudo, juntamente com a teoria do léxico, lançamos mão da perspectiva da Análise do Discurso (AD) a fim de analisar os prefácios de três dicionários de fraseologia da língua portuguesa: *Tesouro da fraseologia*

brasileira (1945); *Dicionário de expressões idiomáticas – locuções usuais da língua portuguesa* (1981); *O dito pelo não dito* (2006).

Certamente os prefácios de obras de referência constituem material fundamental para a análise das condições de produção do discurso e da posição do lexicógrafo (NUNES, 2006). Nesse sentido, faremos uma análise do dicionário como objeto discursivo, que se constitui historicamente, verificando o discurso lexicográfico dos prefácios das obras apresentadas, as formações discursivas e o interdiscurso na amostragem dos verbetes.

De acordo com os preceitos de Orlandi (1999; 2006), formação discursiva é aquilo que, numa formação ideológica dada, determina o que pode e deve ser dito. Já o interdiscurso é o conjunto de tudo o que já foi dito antes, a regionalização do interdiscurso. Devemos considerar que o lexicógrafo filia-se a uma formação discursiva presente na época, pois é um sujeito afetado pela história (Orlandi, 1999) e ponderamos que o interdiscurso está repleto de enunciações anteriores à enunciação atual, formando a memória discursiva.

Na próxima seção, passaremos à análise propriamente dita, dos três referidos dicionários de fraseologia da língua portuguesa.

2 Análise dos prefácios dos dicionários à luz da Análise do Discurso

Na contextualização deste estudo, tratamos do conceito da Análise do Discurso (AD) e da importância desse tipo de análise em dicionários, dado que estes também são um produto cultural, inserido numa determinada sociedade e época. Portanto, não são isentos de uma ideologia que afeta o sujeito leitor. No caso dos dicionários especiais de fraseologismos, as unidades tratadas se dão dentro de um discurso e se filiam a uma formação discursiva. Faz-se necessário, então, considerar o universo discursivo das formações discursivas presentes nos prefácios e nos verbetes. Os três dicionários especiais analisados constituem nosso *corpus* de uma parcela da fraseologia da Língua Portuguesa.

Iniciaremos nossa análise pelo prefácio do dicionário *Tesouro da fraseologia brasileira* (NASCENTES, 1945), em que o locutor no discurso é

o próprio lexicógrafo Antenor Nascentes. Ele enuncia na primeira pessoa do plural, como podemos notar: “Nossa fraseologia se acha num estado um pouco caótico” e menciona que necessitou recorrer a trabalhos de Alberto Bessa, Ladislau Batalha, José Maria Adrião e Oliveira Simões em Portugal e, ainda, a trabalhos anteriores de base como os de Morais, Aulete e Figueiredo, além de alguns dicionários especiais no Brasil, como os de Castro Lopes e de João Ribeiro, considerado por ele como o mestre. É interessante notar que nessa edição de 1945, o autor já demonstra a mesma preocupação que ainda persiste entre os lexicógrafos: o caos na organização dos fraseologismos.

O lexicógrafo afirma que há necessidade em compilar todos os dicionários citados, para que se tenha material para seus estudos, assim, percebemos que Nascentes busca a unidade em seu discurso lexicográfico e, se por um lado critica a incompletude da fraseologia brasileira, por outro, reconhece a dificuldade em evoluir nesse trabalho ao dizer: “Não foi grande a minha tarefa. Mestre João Ribeiro quase nada deixou para os que viessem após ele. Limitei-me por isso, a respigar no campo onde o mestre já havia ceifado as melhores espigas”. Ao tratar da origem de nossa fraseologia, Nascentes (1945) afirma que “Portugal” fora o maior contribuinte na constituição da fraseologia brasileira, mas que contamos também com a influência dos negros e dos índios.

Verificamos que a enunciação de Nascentes é de cunho científico, pois no prefácio do seu dicionário destaca-se sua formação clássica, enquanto lexicógrafo tradicional e linguista dentro dos estudos lexicográficos e filológicos, demonstrando preocupação teórico-metodológica especialmente ao tratar da necessidade de se fazer uma compilação dos trabalhos já realizados na área para os futuros estudos. O lexicógrafo mostra-se preocupado sobre o futuro da área e faz notar sua angústia ao confirmar que “Na primeira série dos Estudos Filológicos que publiquei em 1939 fiz sentir tal necessidade”.

A obra de Nascentes possui 448 páginas, contando com cerca de 2.200 expressões e frases feitas. Ao analisá-la, percebemos, como ele mesmo destacou, que algumas expressões serão anotadas e interpretadas

pela primeira vez e “faltam” algumas outras. Acreditamos que essa “falta” decorre da dificuldade de se encontrar estudos anteriores ao dele, principalmente em se tratando de dicionários fraseológicos. Observamos também que a obra traz expressões antigas que não são tão comuns atualmente. Essas expressões, tais como: “andar em bolandas”, que significa andar de um lado para outro e “espanador da lua”, pessoa muito alta e magra, poderiam servir como exemplos para se trabalhar com o estudo diacrônico de unidades fraseológicas, pois ambas não constam nos outros dois dicionários mais modernos.

Nascentes não utiliza termos “tabus” e “chulos” na organização dos verbetes de seu dicionário, confirmando a ideia de que o lexicógrafo é um sujeito afetado pela história e também denotando um cunho prescritivo e não descritivo. O lexicógrafo não utiliza exemplos nos verbetes do seu dicionário, ou seja, são apresentados somente os fraseologismos com suas definições. Os fraseologismos são registrados no dicionário de acordo com a sequência: substantivo, verbo, adjetivo, pronome e advérbio e são apresentados alfabeticamente a partir de uma palavra-chave, auxiliando na formação de redes parafrásticas, como por exemplo, a palavra “bacia”, para a expressão “Comprar na bacia das almas”.

Cabe ressaltar que esse dicionário apresenta diversos tipos de fraseologismos da língua e, como tem em seu título a especificação de que se trata de um dicionário da fraseologia brasileira, parece-nos ser a obra que apresenta o título mais adequado.

O segundo prefácio a ser analisado é o do *Dicionário de expressões idiomáticas – locuções usuais da língua portuguesa* (PUGLIESI, 1981), com 309 páginas, no qual o locutor do discurso também é o próprio autor, que utiliza a primeira pessoa do plural para fazer a enunciação: “Apresentamos neste Dicionário de Expressões Idiomáticas as principais construções vocabulares...”.

O autor desse dicionário afirma que a obra tem como fim a facilitação da aprendizagem do idioma tanto para estrangeiros quanto para sanar as eventuais dúvidas de “nossos patricios”. Nesse sentido, é possível perceber um discurso didático, pois mostra uma preocupação

ligada ao ensino e à prática docente. Ele apresenta um discurso modesto também ao alegar que a edição certamente deixa a desejar em sua completude e salienta que aceita sugestões.

Pugliesi, assim como Nascentes, embasa-se em clássicos estudiosos do idioma, tais como: João Ribeiro, Rohan Beaurepaire e Antonio de Castro Lopes e também não apresenta exemplos para as definições. Acreditamos que a obra possa trazer grande auxílio para o trabalho docente com fraseologismos, por ser de fácil leitura e apresentar linguagem próxima àquela utilizada pelo aprendiz.

O autor denomina suas entradas com o termo genérico de “locuções” e os registra considerando primeiramente o substantivo, depois palavras substantivadas, verbos, adjetivos, pronomes e, por fim, advérbios. Caso a expressão “estar às moscas” seja procurada, deve-se procurar por ‘moscas’, uma vez que o substantivo nessa expressão tem prioridade. No caso de haver duas palavras da mesma categoria gramatical como em “mão de vaca”, deve-se procurar por ‘mão’, pois aparece em primeiro lugar. Essa obra tem um diferencial não encontrado nas obras mais antigas: a preocupação com a aprendizagem e uma organização mais regular.

O último prefácio de dicionário a ser analisado é o de *O dito pelo não dito* (FONTES FILHO, 2006). Nessa obra também não há distinção entre EIs e outras unidades fraseológicas, muito embora conste em seu título “... dicionário de expressões idiomáticas”. Acreditamos que essa miscelânea proceda do desejo do autor de registrar as informações coletadas do contato direto com falantes da língua, que utilizam essas expressões em diversos contextos, como ele mesmo ressalta no prefácio da obra. Ele considera-se um “useiro” e “vezeiro” das expressões e salienta que não é um profissional da área. Enquanto amador na área, não sendo um linguista, não usa critérios teóricos. Trata-se de um admirador e colecionador que se envolveu com as expressões e decidiu compartilhar sua admiração com outros leitores.

O autor conta sua experiência como colecionador de expressões e afirma que foi estimulado por amigos na produção do dicionário. Ele

afirma que ia publicar apenas uma lista de expressões, mas como “estava com a mão na massa” resolveu incluir o significado e exemplos. Essa obra, portanto, é a única das três que apresenta exemplos.

O autor faz um jogo de palavras no prefácio do dicionário *O dito pelo não dito* a partir da junção de diversos fraseologismos (usa na prática as expressões) e apesar de ser escrito na primeira pessoa do singular, Fontes Filho não assina o texto. Dessa forma, podemos interpretar que há um apagamento do autor, como se os amigos e as pessoas que tiveram contato com ele durante toda a elaboração do dicionário também fizessem parte da autoria da obra, ou ainda, como se o autor quisesse se esconder por trás das expressões ali elencadas. Quanto a essa questão Orlandi (1999, p. 46) salienta que “A evidência do sentido – que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material...”, ou seja, deixa transparente para o leitor tudo “aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funciona com uma dominante”. Percebe-se, assim, o efeito de sentido quando o autor não se coloca como lexicógrafo e sim como amante das expressões e diletante da área.

A obra de Fontes Filho possui 679 páginas e 9.000 expressões, sendo a mais extensa das analisadas aqui. Divide-se em três partes: 1) unidades fraseológicas em ordem alfabética e enumerada, precedidas de um número crescente; 2) expressões apresentadas uma a uma, classificadas por títulos/temas, tais como: comportamento, crenças, humor, ironia etc., à guisa de uma classificação onomasiológica; 3) índice de palavras que aparecem nas expressões (chamadas por nós, neste trabalho, de campos para formação de redes parafrásticas), como leite em “chorar pelo leite derramado”, por exemplo.

Consideramos que, apesar de o dicionário acima especificado também não fazer distinção entre as unidades fraseológicas da língua portuguesa, é um excelente livro de consulta a ser utilizado em sala de aula, no trabalho com EIs, ou outros fraseologismos, pois apresenta uma linguagem clara, específica, bons exemplos para a compreensão e uma organização que auxilia na localização de cada entrada, impressionando também por não ter sido o resultado do trabalho de um lexicógrafo experiente.

3 Análise discursiva dos verbetes

Nesta seção apresentamos uma análise concisa de uma pequena amostra de verbetes, dentro do contexto de cada obra apresentada na seção anterior, considerando a análise discursiva dos enunciados segundo a AD, dado que cada dicionário parafraseará os verbetes de acordo com diferentes visões. Acerca desses aspectos Nunes (1996) pontua que:

O estudo histórico-discursivo permite mostrar os processos de produção dos verbetes, as paráfrases de um a outro, a constituição de um discurso por sua estruturação e pela textualidade de seus subdomínios (nomenclatura, definição, contextualização, etimologia e marcação) (p. 34).

É relevante ressaltar que analisamos três dicionários que fazem parte de perspectivas históricas diferentes. Sendo assim, nosso dispositivo analítico se dá, especialmente, acerca da relação com a AD e a História das Ideias Linguísticas, pois privilegia as condições de produção do discurso, de que modo os enunciados lexicográficos condicionam a produção de sentidos nesse discurso, o sujeito lexicográfico, a formação discursiva, o interdiscurso e a paráfrase (NUNES, 1996).

Apresentar uma análise detalhada de todos os verbetes dos dicionários citados é uma proposta de difícil exequibilidade e que não condiz com os objetivos de nosso trabalho. Sendo assim, preferimos analisar três campos de possibilidade de formação de redes parafrásticas, a saber: o objeto “faca”, o animal “burro” e a planta “cana”, como uma pequena amostragem de uma série de verbetes dos três dicionários. A opção por fraseologismos que se formam a partir de “faca”, “burro” e “cana” em nossa análise, possibilitou abarcar uma quantidade significativa de verbetes e muitas classes gramaticais que compõem unidades fraseológicas com essas palavras-chave nos dicionários. Primeiramente apresentamos a palavra-entrada em torno da qual os sentidos fraseológicos orbitam, em seguida o autor do dicionário com a respectiva data e, finalmente, a definição dos fraseologismos em cada

dicionário e seus respectivos exemplos, se houver. Essa série de verbetes nos permite observar as relações de sentido entre os fraseologismos dos três dicionários, examinar a rede de paráfrases existentes e analisar os silenciamentos das definições. Sendo assim, passemos à análise da primeira entrada:

FACA

Nascentes, 1945

Meter a faca aos peitos. Exigir violentamente, obrigar com violência.
Ter a faca e o queijo na mão. Ser senhor da situação, dispor de amplos poderes para proceder como entender.

Pugliesi, 1981

Meter a faca no peito. coagir; exigir com violência.
Ter a faca e o queijo na mão. pôr e dispor; ter todos os poderes; mandar e desmandar.
Ser uma faca de dois gumes. situação que pode servir a desservir aos interesses de alguém; arma que pode ferir quem a maneja.
Faca de cortar água. lâmina sem corte.
Faca que não corta nem manteiga. faca sem nenhum fio.

Fontes Filho, 2006

4063. *Faca de dois gumes. Arma de dois gumes.* Aquilo que tem caráter duplo, apresentando aspectos positivos ou vantajosos, por um lado, e aspectos negativos ou inconvenientes, por outro. Ex.: O sucesso é uma faca de dois gumes.

Como se pode observar, os dois primeiros dicionários apresentam a expressão “Meter a faca no peito” e “Ter a faca e o queijo na mão”, porém, apenas o terceiro apresenta a expressão “Arma de dois gumes”, como variante de “Faca de dois gumes”, que no dicionário de Pugliesi é citada como “Ser uma faca de dois gumes”. É importante destacar que o segundo dicionário cita outras duas possibilidades de uso: “Faca de cortar água” e “Faca que não corta nem manteiga”, ambas com o mesmo sentido, mas diferentes dos já apresentados nos outros dois dicionários.

O dicionário de Nascentes (1945), apesar de apresentar apenas dois fraseologismos concernentes à “faca” é um dos pioneiros nesse

tipo de trabalho e apresenta linguagem condizente ao discurso científico, ao qual pertencem suas produções.

É notável que apenas o terceiro dicionário apresenta um exemplo explicativo do verbete e que pode ser identificado com o discurso social; na oração “O sucesso é uma faca de dois gumes”, a palavra “sucesso” passa a adquirir uma possibilidade negativa, mostrando que o sucesso também pode trazer inconvenientes, embora isoladamente seja interpretado como êxito profissional.

Com relação à sintaxe das definições, em Nascentes (1945) e Pugliesi (1981) as duas primeiras acepções iniciam-se com verbos, em que os lexicógrafos assumem a posição de dizer os sentidos, como enunciadores. Já em Fontes Filho (2006), a forma sintática empregada é *aquilo que* (“Aquilo que tem caráter duplo, apresentando...”), nesse caso, o fraseologismo torna-se o sujeito na relação com o significado apresentado.

Para finalizar a análise dessa série de fraseologismos, ressaltamos que o dicionário de Pugliesi (1981) é o que apresenta a maior possibilidade de combinações fraseológicas a partir do objeto “faca”. A nosso ver, essa variedade reforça mais uma vez a noção de que esse lexicógrafo utiliza um discurso didático, preocupado com as paráfrases elucidativas aos aprendizes.

Vejamos a próxima amostragem:

CANA

Nascentes, 1945

Pugliesi, 1981

Assobiar e chupar cana. tentar executar duas funções opostas ao mesmo tempo.

Chucha que a cana é doce. convém tentar a realização de um projeto tudo é favorável; expressão com que se ironiza quem passou por um pequeno dano em consequência de má execução de uma tarefa.

Foram canas. houve dificuldade.

Ir em cana. ser preso.

Fontes Filho, 2006

530. *Chá-de-cana.* Aguardente de cana; cachaça.

1638. *Pe-de-cana.* Alcoólatra.

1928. *Chupar cana e assobiar.* *Chupar cana e tocar flauta.* Fazer duas coisas incompatíveis ao mesmo tempo. Ex.: Nesse novo emprego, tenho que chupar cana e assobiar ao mesmo tempo.

8084. *Sumo-da-cana.* São Paulo. Aguardente de cana; cachaça.

8978. *Voz de cana rachada.* Voz desagradável, desafinada.

Notamos nas definições que não houve grande variedade de relações no que tange à palavra “cana” e que em Nascentes (1945) não há essa entrada, constatando-se de fato que não há regularidade entre este e os outros dois dicionários. Já em Pugliesi (1981), são apresentadas quatro unidades fraseológicas distintas, com sentidos também distintos uns dos outros. Há apenas uma intersecção com o dicionário de Fontes Filho (2006): “Assobiar e chupar cana”/”Chupar cana e assobiar”. Fontes Filho, por sua vez, apresenta um fraseologismo regionalista, do estado de São Paulo “*Sumo-da-cana*” e um exemplo na expressão “*Chupar cana e assobiar*”, enfocando uma situação cotidiana, reforçando o discurso social. “Nesse novo emprego, tenho que chupar cana e assobiar ao mesmo tempo”.

Por fim, analisando a última série de verbetes temos:

BURRO**Nascentes, 1945**

Amarrar o burro à vontade do dono. Fazer a vontade do superior, embora prevendo um mal.

Daqui até lá morre o burro – ou o tocador. Palavras que indicam que o fato vai se realizar em época que vai custar muito a chegar. Reminiscência da fábula do burro astrólogo. V. Lafontaine, VI, XIX.

Dar com os burros n’água. Ser mal sucedido.

Estar como o burro de Buridan. Achar-se perplexo, indeciso, entre dois partidos a tomar. No célebre argumento do filósofo, um burro morre de fome e de sede, entre uma tina de feno e outra d’água.

Estar de burros com alguém. Achar-se zangado com essa pessoa.
Não ser burro de carga. Não estar disposto aguentar com o seu serviço e mais o que lhe queiram impor.
Pensando morreu um burro. Advertência que se faz a quem que diga que pensa ou pensou em alguma coisa.
Ser mais fácil um burro voar do que... Modo por que se indica a impossibilidade de um fato.
Trabalhar como um burro. Trabalhar muito.

Pugliesi, 1981

Amarrar o burro à vontade do freguês. cumprir a vontade de outra pessoa, embora prevenindo-a sobre os possíveis danos decorrentes.
Daqui até lá morre o burro ou o tocador. o fato em questão demorará a ocorrer.
Dar com os burros n'água. dar-se mal; ser mal sucedido.
Estar como o burro de Buridan. estar perplexo; estar indeciso entre duas escolhas.
Estar com o burro amarrado. estar mal-humorado.
Não ser burro de carga. não querer acumular deveres excessivos.
Pensando morreu um burro. advertência sobre a necessidade de executar prontamente projetos.
Ser mais fácil um burro voar que... indicação de que a realização de um fato ou tarefa é muito difícil ou, talvez, impossível.
Ser um burro. ser pessoa de pouco brilho intelectual; ser mentecapto.
Trabalhar como um burro. trabalhar demasiadamente.

Fontes Filho, 2006

107. *À falta dum grito morre um burro no atoleiro. À falta dum grito vai-se embora uma boiada.* Por negligência pode-se perder tudo.
137. *A gente queira ou não queira tem de ir o burro à feira. Quer queira, quer não queira, há de ir o burro à feira.* Há dificuldades irremovíveis.
622. *Amarra-se o burro onde o dono manda. Amarra-se o burro à vontade do dono. Amarra-se o burro onde o burro do dono manda.* Toda ordem tem que ser cumprida, principalmente se o prejudicado for quem está ordenando.
701. *Antes burro que me leve que cavalo que me derrube. Mais vale burro que me carregue do que cavalo que me derrube.* É melhor ter um ajudante de nível médio que faz o que se pede, que um nível bom que só faz o que quer.

- 711.** *Antes excomunhão de vigário que bênção de pé de burro.* Antes excomunhão que coice.
- 805.** *Apenas lbe sorrimos, entrou em nossa casa com seu burro.* É muito abusado.
- 893.** *Arre-burrinho.* Pessoa que se submete inteiramente a outrem; aquele que se presta à zombaria de todos; brinquete.
- 989.** *Até lá, morre o burro e o tocador.* Até lá, morre o burro e quem o tange. Vai demorar muito.
- 1457.** *Burro de carga.* Pessoa que trabalha demais, que toma a si a responsabilidade do trabalho dos outros. Ex.: Todo mundo lá parado, conversando e o burro de carga aqui tem que fazer tudo.
- 1458.** *Burro não aprende línguas. Burro não amansa, acostuma. Burro velho não pega marcha.* Não se consegue ensinar nada a um burro, principalmente se este for velho.
- 1459.** *Burro-sem-rabo. Rio de Janeiro.* Carregador que puxa um carrinho de transporte de duas rodas.
- 1601.** *Picar o burro.* Fugir; retirar-se, partir. Ex.: Quando soube que ela viria, picou o burro.
- 1805.** *Caveira-de-burro.* Infelicidade; falta de sorte. Ex.: Esse negócio não vai para a frente; parece que há caveira-de-burro enterrada aqui.
- 1835.** *Chá-de-burro.* Comida mal preparada.
- 2144.** *Como burro quando empaca.* Muito teimoso. Ex.: Com esse aí não adianta; é como burro quando empaca.
- 2251.** *Cor-de-burro-quando-foge.* Cor-de-burro-fugido. Cor esquisita ou indefinida.
- 2462.** *Dar com os burros n'água.* Sair prejudicado; perder um negócio; ser malsucedido; Ex.: Aplicou na bolsa e deu com os burros n'água.
- 2975.** *De pensar morreu um burro.* De pensar morreu o burro. Pensando morreu um burro. Não se deve pensar demais para tomar uma decisão.
- 3465.** *É mesmo que um burro olhando para um palácio.* Não entende.
- 3772.** *Ensaboar os queixos do burro.* Perder tempo e trabalho; trabalhar em vão. Ex.: Ficou ensaboando os queixos do burro e não terminou o serviço.
- 4357.** *Fazer-se de burro para comer capim.* Fingir que não percebe que está sendo prejudicado.
- 5141.** *Linha burra.* No futebol, ação da defesa para provocar impedimento.

- 5153.** *Um burro esfrega o outro.* Os iguais toleram-se.
- 5225.** *Mais vale burro vivo que sábio morto.* Não há virtudes depois da morte.
- 5360.** *Mata-burro.* Fosso construído à entrada de uma propriedade para evitar a passagem de animais.
- 5725.** *Não amarrar o burro no mesmo toco.* Não se dar bem. E.: Ele e o cunhado não amarram o burro no mesmo toco.
- 5891.** *Não ser mais burro por falta de espaço. Não ser mais burro porque é um só.* Ser muito ignorante. Ex.: Esse não é mais burro por falta de espaço.
- 5971.** *Nariz-de-burro.* Garrucha de dois canos.
- 6429.** *Pai-dos-burros.* Dicionário.
- 6491.** *Para burro só faltam as penas. Para burro só faltam as orelhas.* É um burro perfeito.
- 6564.** *Passar de cavalo a burro.* Baixar de categoria; piorar de situação. Ex.: Depois de tanto trabalho, passou de cavalo a burro.
- 6567.** *Passar de burro a cavalo.* Melhorar de situação. Ex.: Casou com a moça rica e passou de burro a cavalo.
- 7052.** *Pôr o burro na sombra. Amarrar o burro na sombra. Encostar o burro na sombra.* Relaxar; descansar; despreocupar-se. Ex.: Agora ele está aposentado; pôs o burro na sombra.
- 7126.** *Pra burro.* Muito; em grande quantidade ou intensidade. Ex.: Tinha gente pra burro.
- 7150.** *Preferir sustentar burro a pão-de-ló.* Tratar bem a pessoa que não merece ser bem tratada. Ex.: Esse meu sobrinho só me dá despesa; prefiro sustentar burro a pão-de-ló.
- 7158.** *Prender o burro.* Ficar aborrecido e calado. Ex.: Prendeu o burro e não falou mais com ela.
- 7252.** *Quando um burro fala, o outro abaixa a orelha. Quando um burro fala, o outro cala. Quando um burro fala, o outro murcha a orelha.* Não se deve interromper quem está falando.
- 7846.** *Ser burro de Vicente.* Ir mal; ir de mal a pior. Ex.: Esse namorado que ela arranjou é burro de Vicente.
- 8161.** *Tem gosto o burro em ouvir o seu zurro.* Suporta-se facilmente os próprios defeitos.
- 8713.** *Um olho no burro e outro no cigarro.* Atenção constante. Ex.: Com esses meninos de rua, é um olho no burro e outro no cigarro.

Podemos observar que nos dois primeiros dicionários analisados todos os fraseologismos são regulares, com exceção das unidades fraseológicas “*Amarrar o burro à vontade do dono*” e “*Amarrar o burro à vontade do freguês*” - que são variantes entre si, ambas possuindo o mesmo significado e “*Estar de burros com alguém*” e “*Estar com o burro amarrado*”, também com o mesmo sentido. Já a expressão “*Ser um burro*” só é recorrente na obra de Pugliesi (1981), expressão esta bem usual da fala em contextos escolares.

Em Nascentes (1945), o lexicógrafo evidencia outra formação discursiva ao fazer referência à fábula de Lafontaine no verbete: “*Daqui até lá morre o burro – ou o tocador*”. O autor cita a fábula, que aparece incorporada à explicação da unidade fraseológica, como parte do discurso do lexicógrafo. Isso pode ser considerado como heterogeneidade constitutiva, pois Nascentes refere-se à obra incorporando-a no verbete. Além disso, percebemos o discurso literário do lexicógrafo, por buscar a explicação do fraseologismo por meio de obras literárias (V. Lafontaine, VI, XIX). O mesmo ocorre com o verbete “*Estar como o burro de Buridan*”, em que o lexicógrafo remete a explicação ao filósofo e religioso francês, como se todo consulente do dicionário partilhassem de um conhecimento prévio do estudioso e de seus trabalhos.

Quanto ao dicionário de Fontes Filho (2006), notamos que há uma gama variada de fraseologismos com relação ao campo parafrástico “burro”. Isso mostra a dinamicidade e a vivacidade da língua, pois estamos considerando contextos temporais diferentes, em nosso caso, num lapso de 61 anos, segundo as datas das edições consultadas, passando do ano 1945 a 2006. Em uma língua, é a face lexical que se constitui a partir da experiência humana em sociedade e enquanto universo linguístico dela. Biderman já dizia que:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades (BIDERMAN, 2001, p. 178).

Assim, o léxico de uma língua pode perpetuar-se ou ser modificado, dependendo do uso dos membros da sociedade a que se vincula, ou seja, os usuários de uma comunidade linguística podem criar, conservar e/ou modificar o vocabulário da língua. Cabe também a esse sujeito eleger suas preferências no momento da escolha de uma ou outra unidade para representar a face conotativa da linguagem. Esse processo auxilia no enriquecimento linguístico e, nesse sentido, completamos os pressupostos de Biderman dizendo que os léxicos especiais, como os fraseologismos aqui apresentados também se modificam com a história e renovam-se, dependendo das necessidades da comunidade linguística.

O dicionário de Fontes Filho (2006) consegue listar diversos fraseologismos, apresentando exemplos em alguns deles. Ele traz fraseologismos que podem ser compreendidos como (variantes de) provérbios, como é o caso de “*Mais vale burro que me carregue do que cavalo que me derrube*” e “*Antes excomunhão de vigário que bênção de pé de burro*”, ambos relacionados aos provérbios “Antes tarde do que nunca”, “Antes só do que mal acompanhado” e “Mais vale um pássaro na mão que dois voando”. Fontes Filho mostra-se como portador de um discurso cotidiano, amador e, apesar de não ser um especialista em estudos linguísticos e sociolinguísticos, ele traz uma profusão de expressões, inclusive de regionalismos como “*Burro-sem-rabo*”, recorrente no Rio de Janeiro.

Percebemos que a presença de um discurso da sociedade e de um discurso cotidiano é mais acentuada nos exemplos elaborados por Fontes Filho, como pode ser notado ao dizer: “Esse negócio não vai para a frente; parece que há caveira-de-burro enterrada aqui”; “Aplicou na bolsa e deu com os burros n’água”; “Ficou ensaboando os queixos do burro e não terminou o serviço”; “Depois de tanto trabalho, passou de cavalo a burro”; “Casou com a moça rica e passou de burro a cavalo”; “Agora ele está aposentado; pôs o burro na sombra” e “Com esses meninos de rua, é um olho no burro e outro no cigarro”. Todos os exemplos apresentados revelam situações cotidianas que se enquadram no perfil da sociedade de modo geral. Provavelmente por ser um “useiro” de expressões em

suas conversas, como ele mesmo fala no prefácio, Fontes Filho opta por utilizar esses discursos e faz um silenciamento de outros discursos tais como: político, ecológico, administrativo, religioso e jurídico.

4 Considerações finais

Após realizar uma breve análise dos prefácios dos três dicionários especiais da língua portuguesa e de uma pequena amostra de verbetes que os compõem, podemos concluir que existem diferenças significativas entre eles, especialmente no que tange à questão do discurso em relação à história, pois os autores dos dicionários analisados pertencem a épocas diferentes. Notamos que cada obra tem suas peculiaridades, suas vantagens e desvantagens, mas todas podem contribuir para o ensino de unidades fraseológicas da Língua Portuguesa, basta escolher a obra adequada para cada atividade.

Também é possível perceber que a visão do lexicógrafo ou do autor de um dicionário é diferente de acordo com o modo de definição dos verbetes e formulação dos exemplos. Nesse sentido, “as definições, do ponto de vista discursivo, não são neutras, elas são sempre efetuadas a partir de uma posição discursiva” (NUNES, 2010, p. 13).

Este trabalho é apenas um recorte das possibilidades de análises do dicionário. Esperamos que nossa contribuição venha a enriquecer os estudos em Metalexigrafia e em Análise do Discurso do texto lexicográfico, sobretudo no caso dos dicionários especiais, tendo sido enfocados aqui somente os dicionários fraseológicos, que acreditamos ser uma ferramenta pedagógica preciosa ainda pouco explorada.

Referências

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOUTIN-QUESNEL, R. et al. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985.

FONTES FILHO, A. **O dito pelo não dito**: dicionário de expressões idiomáticas. São Paulo: Libra Três, 2006.

NASCENTES, A. **Tesouro da fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1945.

NUNES, J. H. Análise do Dicionário. In: **Discurso e instrumentos linguísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 1996, p. 15-58.

NUNES, J. H. Dicionários: História, Leitura e Produção. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, volume 3, dez/2010, p. 6-21.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história - do Século XVI ao XIX**. Campinas, SP: Pontes Editores - São Paulo, SP: Fapesp - São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. Análise do Discurso. In: E. Orlandi e S. Lagazzi-Rodrigues (Org.). **Introdução às Ciências da Linguagem – Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006, p. 11-31.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira. 2000. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

PUGLIESI, M. **Dicionário de expressões idiomáticas – locuções usuais da língua portuguesa**. São Paulo: Parma, 1981.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. 1998. 253 f. Tese (Doutorado em Letras)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.

Recebido em outubro de 2012.

Aprovado em dezembro de 2012.

SOBRE AS AUTORAS

GISLAINE RODRIGUES MATIAS é Doutoranda e Mestre em Estudos Linguísticos e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – Unesp/São José do Rio Preto e doutoranda em Estudos Linguísticos e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Unesp/São José do Rio Preto. Atualmente é docente do Ensino Fundamental pela Prefeitura Municipal de Educação de São José do Rio Preto-SP. Entre seus temas de pesquisa, destacam-se Expressões Idiomáticas (Fraseologismos); Lexicologia; Lexicografia e Ensino da Língua Portuguesa.
E-mail: girodrigues164@yahoo.com.br

MARIA CRISTINA PARREIRA DA SILVA é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP. Professora assistente doutora na UNESP de São José do Rio Preto desde 2003. Pesquisadora na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente em Lexicologia e Lexicografia, com foco na língua francesa, no léxico geral e especial, em expressões idiomáticas e léxico, cultura e ensino. Líder do GP GAMBLE e membro dos GPs - “Lexicologia e Lexicografia contrastiva” (UNESP) e “A fraseologia e sua equação nas subáreas da Linguística Aplicada” (UnB).
E-mail: parreira@ibilce.unesp.br